

CORPO-TERRITÓRIO COMO MÉTODO DE ANÁLISE TERRITORIAL: CONSTRUÇÃO COM UMA COMUNIDADE INDÍGENA

Giovanna Soares – giovannasoares@furg.br - Pós-Graduanda do Curso de Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande- FURG

Orientação: Prof.^a Dr.^a Andrea Maio Ortigara - andreaortigara@gmail.com - Pós-Doutora do
Curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

INTRODUÇÃO

As comunidades que priorizam mulheres são consideradas um mito no Brasil e, quem sabe, no mundo, talvez pelo receio da existência de tamanha potência destrutiva contra o patriarcado, mas elas existem. De diversas formas, as mulheres persistem em construir coletivamente com suas semelhantes. Com essa pesquisa, tive o prazer de conhecer essas mulheres que trazem a possibilidade da construção coletiva de pensamento político e ação social. Com uma elaboração compartilhada, foi proposto um encontro que ocorreu entre os dias 10 e 13 de fevereiro de 2023, na cidade de Paraty, no estado do Rio de Janeiro, com o intuito de reunir mulheres que buscam priorizar mulheres para conversar e documentar territórios lésbicos. Esse encontro foi elaborado pelo Sapataria Podcast em conjunto com SapataAty, um projeto de kunhas¹ que amam boemas² e warmis³ e que pretendem viver em comunidade. O nome SapataAty se origina nas “sapatas”, que são usadas para receber a carga dos pilares e distribuí-las através do solo, nos projetos de fundação, reforçando toda a estrutura de um edifício ou residência; e “Aty” é a sabedoria guarani. Kuarahy e Xapuko, que serão apresentadas posteriormente, convocam mulheres à Retomada Território Corpo, para a reconstrução desse espaço seguro, um lugar para poder voltar e para envelhecer entre mulheres e crianças. Kuarahy Ava Katuete afirma que:

Movidas por elas, avós, mães, tias, irmãs e amigas, todas as mulheres que, com seu exemplo de luta cotidiana, mostram os caminhos e nos inspiram força e convicção para enfrentar as violências sistemáticas, desenhadas para continuar apagando nossas trajetórias de vida. Temos a urgência de recriar prioridades, por isso trabalhamos com e para mulheres, nossos afetos, nossas referências e nossas motivações. Juntas

¹ kunha ou kuña, na língua Guarani, significa “mulher” (por pertencer a uma língua indígena, não carrega o simbólico do que é ser mulher na sociedade).

² boema, na língua Puri, significa “mulher”.

³ warmi, na língua Quéchua, significa “mulher”.

sonhamos a SapataAty como projeto de vida. Há mais de 4 anos tentamos encontrar um território onde sentar bases e raízes, onde possamos nos sentir seguras ao semear e ao colher, ao sair saber que temos um lugar onde voltar, onde possamos gerar encontrar com outras mulheres que trilham nossos caminhos.⁴

Enquanto as relações entre mulheres são impossibilitadas pela misoginia e lesbofobia, a questão financeira sempre foi a maior opressão do sistema patriarcal contra mulheres e para distanciar-nos umas das outras. Por isso, no ano de 2022, Kuarahy, Xapuko e outras mulheres indígenas semearam a "Kunhangue Cooperatyva" de artesãs originárias pluriétnicas, migrantes, aldeadas e desterradas. Desde então, por meio desse espaço de autonomia, está sendo possível tecer caminhos para o fortalecimento mútuo desde a produção até a venda de artesanias feitas por mulheres indígenas empobrecidas.

METODOLOGIA E ANÁLISES

Como lésbica e pesquisadora, esse encontro foi gratificante, já que conheci mulheres que admiro há alguns anos e outras que passei a admirar desde então. Conversamos sobre memórias ancestrais, sobre como é viver em uma sociedade que odeia os corpos femininos⁵ e entrar em um ciclo de auto-ódio, sobre como nossas vidas são diferentes e como existem similaridades e, assim, acabamos nos encontrando no caminho.

O patriarcado criou diversas armadilhas para separar as mulheres, para que perdessem autonomia sobre a própria vida e sua aliança com semelhantes acredito que por saber da potência da união entre mulheres. Um grande exemplo de união que resiste até hoje é a de mulheres originárias, pelo senso de comunidade, pela própria noção de ancestralidade e pela busca das mesmas para troca de conhecimentos seculares. Lorena Cabnal (2019), feminista comunitária que se apresenta como maya xinka, discorre sobre como o patriarcado incide historicamente sob os corpos das mulheres indígenas:

Antes da colonização espanhola ou castelhana já havia uma configuração patriarcal, que chamo de patriarcado ancestral originário. Sua conformação, temporalidade, forma de se manifestar e contexto é completamente diferente do patriarcado que atravessou o mar em barcos há 525 anos. Em suas próprias manifestações, o patriarcado ancestral originário complicou certos efeitos sobre os corpos das mulheres indígenas ao se reconfigurar como patriarcado colonial. Essa conexão patriarcal ou convergência patriarcal vai estabelecer uma nova ordem simbólica de posse dos corpos das mulheres indígenas a partir da concepção de um modelo econômico de posse, imposto pelos colonos, tanto sobre os corpos quanto sobre a terra. Portanto, a violência sexual massiva dirigida contra nossas antepassadas e avós e o nascimento

⁴ Registro informal do encontro em Paraty, fevereiro de 2023.

⁵ femininos no sentido de sexuado fêmea, sem o valor da feminilidade imposta.

de filhos e filhas chamados "bastardos" — que, em grande parte, com sua herança geracional, configurarão a miscigenação de hoje — também acabam tornando-se formas ancestrais de violência exercidas a partir do poder e da misoginia sobre os corpos (CABNAL, 2019, p. 115).⁶

Nota-se que a classe de mulheres é diversa e plural, e assim são as formas de exploração criadas: os corpos de mulheres indígenas foram historicamente estuprados, já que os colonizadores as viam como posse/mercadoria, e o processo de embranquecimento é a consequência visível dessa violenta colonização que continua a acontecer na América Latina, em áreas de garimpo, invasão e exploração da terra indígena. Assim, cada corpo é um território próprio, carrega marcas únicas, e que podem ser partilhadas e diminuídas quando se vive entre mulheres que vivenciaram contextos semelhantes por serem sexuadas fêmeas. O individual torna-se comunitário quando falamos do território, pois esse começa no corpo e é expresso nas ruas, como delineado por Cabnal:

Coragem, rebeldia, vitalidade e transgressão são energias que herdei também de minhas ancestrais, que não foram passivas diante das formas patriarcais originárias impostas antes da colônia, na colônia e nos tempos atuais. Sua memória ancestral de luta e cura é convocada hoje para nos acompanhar com mais força nas ações políticas de denúncia e protesto social, nas ações feministas e espirituais realizadas nas ruas, praças, estradas e comunidades (CABNAL, 2019, p. 121, tradução minha).⁷

O encontro realizado com a comunidade SapataAty e mulheres que priorizam mulheres acaba por ser esse espaço de liberdade e união, um território a parte, pois não segue as leis do poder patriarcal, a força de trabalho não está à disposição masculina e a energia é dedicada às mulheres. A vida em comunidade é uma prioridade feminista, há um senso de coletividade que está quase extinto na sociedade individualista atual, e se faz visto principalmente nos movimentos sociais.

⁶ No original, lê-se: “Antes de la colonización española o castellana existía ya una configuración patriarcal a la que nombro patriarcado ancestral originario. Su conformación, temporalidad, manera de manifestarse y contexto es completamente diferente del patriarcado que cruzó el mar en barcos, hace 525 años. En sus propias manifestaciones, el patriarcado ancestral originario volvió más complejos ciertos efectos sobre los cuerpos de las mujeres indígenas cuando se reconfiguró como patriarcado colonial. Ese entronque patriarcal o convergencia patriarcal va a establecer un nuevo orden simbólico de propiedad sobre los cuerpos de las mujeres indígenas a partir de la concepción de un modelo económico de propiedad impuesto por los colonos tanto en los cuerpos como en la tierra. Por lo tanto, la violencia sexual masiva dirigida contra nuestras ancestras y abuelas y el nacimiento de hijos e hijas llamados “bastardos” —quienes en gran parte, con su herencia generacional, configuran el mestizaje de hoy— terminan convirtiéndose también en formas ancestrales de violencia ejercidas desde el poder y la misoginia sobre los cuerpos.”

⁷ No original, lê-se: “La valentía, la rebeldía, la vitalidad y la transgresión son energías que también he heredado de mis ancestras, quienes tampoco fueron pasivas ante las formas patriarcales originarias impuestas antes de la colonia, en la colonia y en los tiempos actuales. Su memoria ancestral de lucha y sanación es convocada hoy para acompañarnos con más fuerza en las acciones políticas de denuncia y protesta social, en las acciones feministas y espirituales realizadas en las calles, las plazas, los caminos y las comunidades”.

Parto da análise do texto “Corpo-território: o corpo como campo de batalha” (2020) de Verónica Gago, a qual argumenta que as mulheres e suas corporalidades dissidentes se nutrem nas lutas de defesa pela vida de suas semelhantes e produzem o corpo como território extenso, não como individual ou limitado às suas margens, mas sim como matéria ampliada, superfície extensa de afetos, trajetórias, recursos e memórias. Percebo que a cosmovisão indígena e dos feminismos da América Latina convergem para essa atenção ao corpo como campo de batalha, refletindo sobre a exploração terra-corpo e retomada do corpo-terra a partir do senso de si e da comunidade, do cuidado, da autodefesa, da ecologia e da cura coletiva e individual.

Utilizo o método feminista e decolonial de análise territorial chamado corpo-território, para análise tanto do território quanto do corpo (e partindo dele). Esse método tem origem nos povos originários da América Latina e é utilizado para compreender a relação corpo-território, mas também para ver de que modo o que ocorre no território reflete nos corpos das mulheres envolvidas. *Cuerpo-territorio* é um exercício de mapeamento corporal feminista que pode ser feito de forma individual ou coletiva em um ambiente de oficina (ZARAGOCIN; CARETTA, 2021). A construção do método se dá:

[...] ao contrário dos métodos tradicionais de mapeamento corporal participativo, em que os corpos são desenhados no território, o território é desenhado no corpo como um recipiente para entender e destacar o que está acontecendo dentro do corpo. A ideia central do método *cuerpo-territorio* é mapear territórios compostos de diferentes lugares no mapa do corpo. Em resposta às perguntas feitas pelo facilitador ou por um grupo de facilitadores, os participantes descrevem diferentes lugares no mapa corporal e os relacionam com suas emoções vividas. No final do exercício de mapeamento, cada participante ou grupo de participantes é convidado a compartilhar suas experiências e emoções incorporadas com todo o grupo, como forma de gerar conhecimento coletivo e práxis resultante (ZARAGOCIN; CARRETA, 2021, p. 7, tradução minha).⁸

Desse modo, será reconhecido cientificamente o conhecimento coletivo baseado nas experiências vividas, de contaminação e opressão, a fim de denunciar as atividades extrativistas patrocinadas pelo Estado e/ou as violências sofridas no território. Ele é utilizado principalmente como uma cartografia feminista em um contexto de resistência à violência contra mulheres e às epistemologias eurocentradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

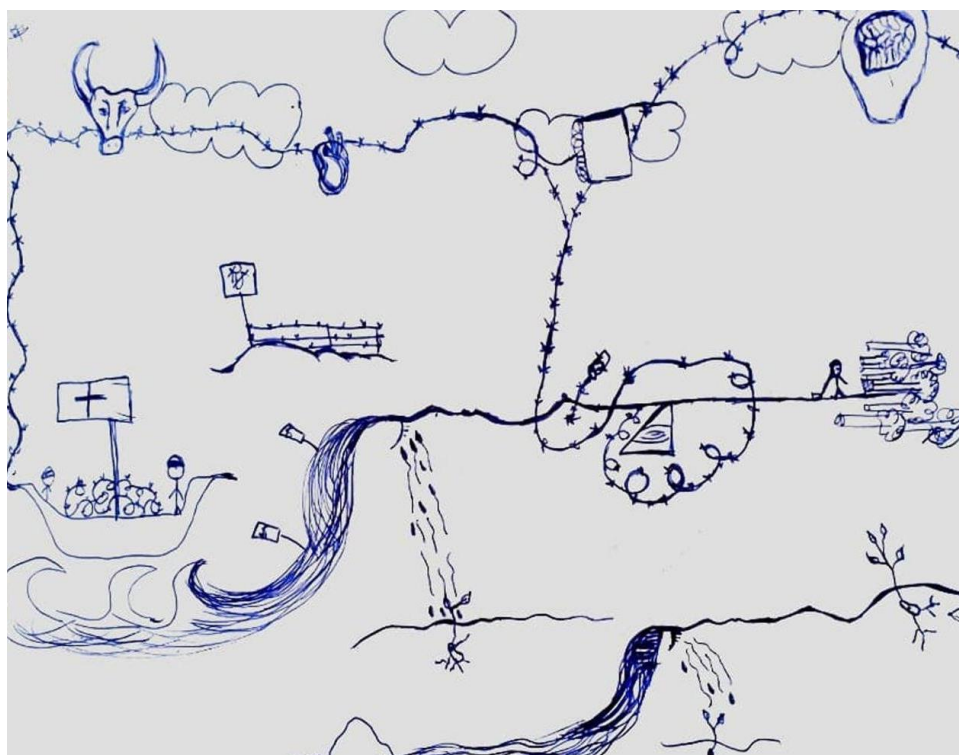
⁸ No original, lê-se: “[...] contrary to traditional participatory body mapping methods, whereby bodies are drawn on territory, territory is drawn on the body as a vessel to understand and highlight what is going on inside the body. The core idea of the *cuerpo-territorio* method is to map out territory made up of different places onto the body map. In response to questions asked by the facilitator or a group of facilitators, participants depict different places on the body map and relate them to their lived emotions. At the end of the mapping exercise, each participant or groups of participants is asked to share their embodied experiences and emotions with the entire group as a means to generate collective knowledge and resulting praxis”.

O método corpo-território, vindo das cartografias corporais, leva em conta a realidade de mulheres que estão intrinsecamente ligadas à terra, como vida e trabalho, e foi elaborado com o intuito de denunciar a violência masculina e a exploração de terras indígenas. Sua base teórica é latino-americana e uma grande fonte é o coletivo *Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo*⁹, ao elaborarem o método pensando no corpo como o primeiro território conhecido e reconhecendo o território no próprio corpo. A partir de ensinamentos do mundo rural e indígena partilhados por companheiras, entendo que, quando o lugar que se habita é violado, o corpo é afetado e quando o corpo é afetado, o lugar habitado é violado.

Nesse sentido, foi proposta a realização do método corpo-território, tendo a participação de três indígenas que se relacionam afetivamente e romanticamente com mulheres, para que fosse possível analisar o território a partir do corpo lésbico originário. O método foi devidamente explicado às companheiras para que cada uma fizesse sua construção, desenhando em um papel o próprio corpo e, em seguida, colocando o território dentro do corpo, visualizando quais aspectos do território incidem no corpo e vice-versa. As descrições dos desenhos a seguir são das próprias autoras, que explicaram a simbólica do próprio desenho, sendo sinalizado o que for de minha análise.

⁹ Ver nas referências o livro *Cuerpos, territorios y feminismos: Compilación latinoamericana de teorías, metodologías y prácticas políticas* (HERNÁNDEZ; BAYÓN, 2019) e a cartilha *Mapeando el cuerpo-territorio: Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios* (2017).

Imagem 1 - Desenho corpo-território Meli'i Xapuko



Fonte: Giovanna Soares (2023)

O primeiro relato é de Meli'i Xapuko, lésbica, artesã e artista em retomada Puri. Ao descrever sobre seu próprio desenho, percebi que a linha entre corpo e território é praticamente nula, como se os arames e rios estivessem representando parte do seu corpo e caminho. As amarras da colonização e o roubo e exploração de terra indígena representados pelos arames que dividem e nomeiam as terras de grandes latifundiários, mas que para além disso, delimitam também onde há exploração sexual. Parênteses aqui para expor o dado de que o Brasil ocupa o quarto lugar em casamentos infantis no mundo, baseado em dados da Unicef: “Em 2016 [...] 137.973 (casamentos) incluíram pessoas com até 19 anos, sendo 28.379 meninos contra 109.594 meninas” (Fonte: Agência Câmara de Notícias). Meli'i relatou que seus parentes desciam as montanhas em direção ao mar, em busca de trabalho, e acabam encontrando exploração nas construções de estrada principal que liga RJ ao estado de SP, exploração sexual e pornificação dos corpos femininos. Indo ao encontro da hipótese central do conceito de corpo-território, de que a domesticação e colonização são inseparáveis já que constituem uma relação específica, tanto na maneira de explorar a mão de obra quanto no de subordinar territórios, como posiciona Verónica Gago, vê-se no desenho e interpretação de Meli'i o retrato da exploração sexual e exploração da terra.

Ao relembrar sua história e seu território, Meli'i relata como é difícil para sua família falar sobre seu passado e recontar memórias, porque é tudo muito doloroso. Sua avó e bisavó não contavam muito sobre a própria história, já que diziam ter só coisa ruim para contar. Sua tia, entendendo a vontade de Meli'i em buscar a própria ancestralidade, recentemente contou sobre um estupro intrafamiliar, que até então estava velado. Ela recebeu a notícia com muito espanto, mas sabe da importância de ter essa informação para sua retomada, para conseguir olhar atentamente para a formação de sua família. Xapuko diz ser importante para parar de romantizar a história de sua família e o processo de retomada.

Meli'i relata que foi à cidade de sua bisavó, Rio Claro/RJ, para buscar informações sobre suas origens, porém encontrou apenas latifúndios e igrejas cristãs, não existindo nem um museu contando sobre história da cidade. Conversando com moradores de Angra e Paraty/RJ que tem família em Rio Claro percebeu que há muita desinformação sobre o território, uma história completamente apagada, poucos reconhecem a etnia Puri que vivia e migrava desde o vale Paraíba até a serra do mar. Hoje, Xapuko busca refazer o caminho e confiar na trajetória da retomada, porque se for depender de registros legais em cartórios, nada será descoberto pois muito foi apagado propositalmente na tentativa de desaparecimento da etnia, por isso muitos Puris dessa região não se reconhecem, mas muitos seguem resistindo com suas tradições e saberes originários, migrantes natos desde a invasão sempre escapando de aldeamentos forçados e impostos pela colônia.

Imagem 2 – Desenho corpo-território Kuarahy



Fonte: Giovanna Soares (2023)

Kuarahy é do povo Guarani, lésbica, caçadora e artista/artesã. Kuara começa relembrando o que foi dito por Adriana Guzmán sobre a feminização da Pachamama, em uma entrevista para o Portal Catarinas:

Diferente da palavra Pachamama, Adriana Guzmán usa o termo “Pacha”, e explica: “mama é mulher adulta, não é mamá, não é mãe. Pachamama é a terra, a natureza, de cima do ar, daqui da terra, os rios, as montanhas, e de baixo, a água, o gás, os recursos todos. Não é ‘madre tierra’ (mãe terra), essa é uma tradução machista que se usa há uns 15 anos, sobretudo desde que o ex-presidente Evo Morales falou dos direitos da ‘madre tierra’. Mas não é ‘madre’ (mãe). Para nós, é importante dizer isso para denunciar o machismo, mas também o conceito de mãe que se impõe à natureza desde a perspectiva patriarcal – mãe, útero que reproduz e alimenta. Todo o mundo fala de ‘madre tierra’ e não é assim nas cosmovisões dos povos, nem aymara nem outros em México também. É uma feminização e, portanto, uma dominação da natureza” (AMANTE; GUZZO, 2021).

Ela relata o quão violento é a reprodução desse discurso colonizador, que resume o corpo da mulher a um útero para reprodução e que resume a terra em posse e exploração, com o mesmo objetivo: exercer poder controlando e violentando corpos e territórios. Kuarahy diz que resiste porque, apesar de todas as dificuldades de existir nesse sistema que não se importa com o bem viver, as guardiãs dançam e protegem.

Analiso atentamente tamanha representação da natureza, e como a simbologia da cidade com prédios e muros com arame farpado trazem a ideia de segregação social, mas que também representa a morte de seus parentes, despejados pelo suposto “progresso”, já que é fruto do roubo de terras indígenas. Essas mortes, feridas ancestrais abertas, recaem sobre a cabeça e a divide em duas, à direita com suas flechas e grafismos pintados na pele e à esquerda sendo obrigada à medicina ocidental. Disse que o desenho acima seria o lado superficial, e que o desenho abaixo seria o lado espiritual.

Imagem 3 – Segundo desenho corpo-território Kuarahy



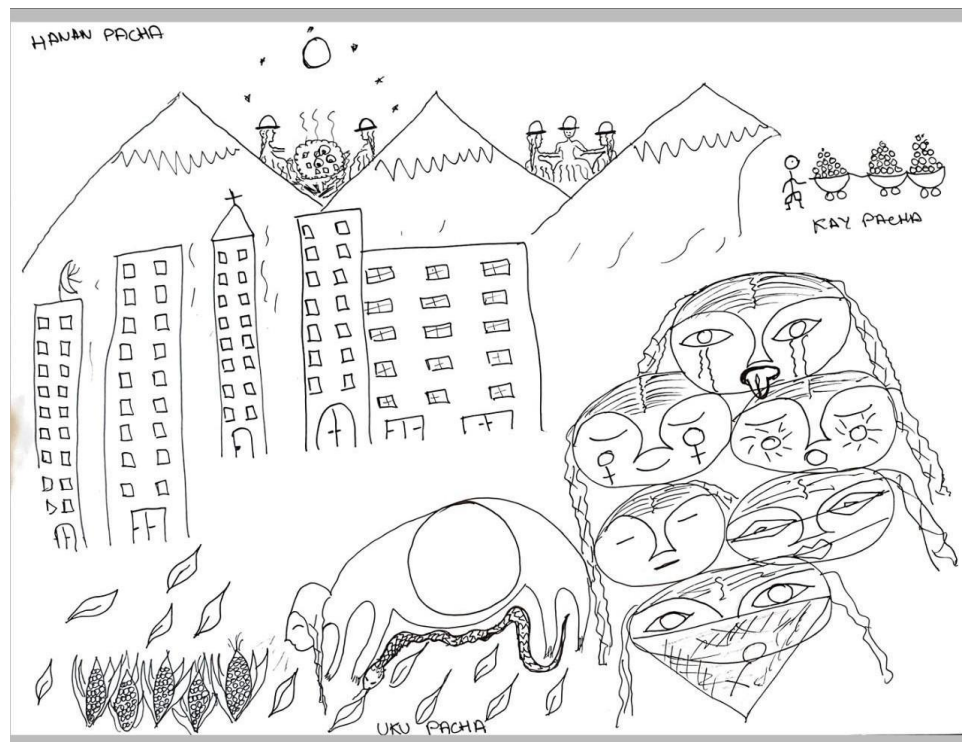
Fonte: Giovanna Soares (2023)

Kuara remonta no caminho da cura, uma potência ancestral para tirar a dor e cicatrizar, essa dor que perpassa o corpo e se infiltra no solo e em toda vida na terra. Busca essa cura, pois dói constantemente a ferida aberta de suas antepassadas; porém, é difícil entender o processo de cura de um território violentado sistematicamente até o hoje. Fato é que cura está em todas nós, e cada uma deve buscar e compreender seu próprio caminho para que curar faça sentido. Kuara relembra sua bisavó lhe contando que não-indígenas a buscavam para rituais de cura e ela sabia que não poderia curar, poderia ser uma ponte, uma ajuda, mas ela dizia que não conhecemos o processo da outra pessoa, é algo único e muito pessoal. Essa cura não pode ser cega, ela tem que ser vista, sentida, tem que saber como prepará-la; o que existe é a sabedoria ancestral, é o conhecimento e a prática transgeracional, que implica o contato cotidiano em comunidade com o outro para o bem viver, o resto é fé, falácia ocidental.

Muito desse conhecimento está se perdendo pela mutilação da língua nativa, pela imposição do português aos povos indígenas, pela imposição dos costumes e da medicina ocidental; nesse processo de colonização permanente estão sendo mutiladas as formas de vida e cosmovisões originárias de Pindorama. Ela lembra de territórios Paraguaios que plantam muita banana, e utilizam ela inteira, desde o caule até as folhas, como base de tratamento para diversas doenças, e tudo depende da maneira que a bananeira é plantada. É realizado um ritual de plantio e colheita, para se certificar de sua potencialidade, de que vão poder extrair o que a natureza tem de mais sagrado, mantendo uma conexão e espiritualidade únicas.

Na fala de Kuarahy e das outras companheiras, analiso que existem sequelas de feridas permanentes, não há reparação que apague as cicatrizes dessa violência história contra os indígenas. É necessário levar em conta que a memória do branco não é sobre quem saiu prejudicado, mas sim quais as posses “conquistadas”. Não há como romantizar a situação catastrófica que a colonização trouxe para o território de Pindorama e aos povos que aqui vivem, fato é que continuam resistindo à toda colonização moderna do século XXI.

Imagem 5 - Desenho corpo-território Fernanda



Fonte: Giovanna Soares (2023)

O desenho acima representa o corpo-território de Fernanda (Mimi), Quechua de Cochabamba/Bolívia, que vive em São Paulo há nove anos, onde fundou o coletivo artístico político de imigrantes no contexto urbano Cholitas da Babilônia, em 2020; é fisioterapeuta e facilitadora de cursos andinos. Mimi inicia sua fala apontando para as montanhas, que são sagradas, e nelas estão algumas mulheres fazendo rituais à Pachamama, à esquerda, que é a terra fêmea que as envolve e protege, e à direita, três cholos¹⁰ juntas – representando essa fuga e a necessidade de se esconder por proteção, já que a sexualidade feminina é reprimida. Assim, as mulheres conseguem o bem viver, em união e construindo a vida em conjunto, fugindo das cidades que sufocam e oprimem os corpos femininos. Mimi relata que a ida ao encontro foi essa necessidade de ir a um lugar seguro, assim como as cholos fazem, buscando o território onde o sagrado acontece.

As montanhas sagradas foram invadidas por exploradores que começaram a minerar seus poderes e riquezas, ou seja, repetidamente, na história da humanidade, homens exploram o sagrado que é fêmea, é Pachamama. Os rostos à direita são de mulheres em união, mulheres

¹⁰ Nome dado às mulheres indígenas bolivianas

que amam mulheres, mulheres que têm o sol interno, mulheres indígenas, mulheres quietinhas, mulheres guerreiras, e a do topo está chorando e com a língua para fora, expressando tamanha raiva e colocando essa dor para fora.

Fernanda se vê mulher, porém sem o corpo de mulher, mas sim como uma mulher selvagem, abraçada com uma serpente representando o mundo de baixo, o pecado da sexualidade, o mau – UKU PACHA –, como se estivesse abraçando sua sombra e quem ela é. Enxerga um buraco em sua barriga, como um vazio de sentimentos, já que evadiu de sua terra, sentindo cheiro da coca e do milho, com confiança para buscar novos territórios para si, com muita dor e vazio, nunca esquecendo os rituais que fez com suas companheiras em Bolívia e confiante para construir novas coisas em outro lugar.

Todo esse processo, sendo muito guiada por Pachamama, através de seus instintos, com sua benção para carregar toda sabedoria e apresentar para outras companheiras tanto poder de cura, para que, aos poucos, esse vazio que sente na barriga seja preenchido por novas conexões entre mulheres, não precisando mais se esconder nas montanhas, já que as mulheres em união têm a capacidade e o poder de mudar realidades e destruir o patriarcado. Mimi diz que o preenchimento do vazio é o preenchimento do território, que ocorre ao longo do caminho que está trilhando, mas que agora ela é guiada pela serpente que existe nela, rastejando e seguindo seu instinto.

Aqui acredito que seja importante ressaltar a trilogia Inca representada no desenho: Hanan Pacha, que é representada pelo condor, uma ave sagrada andina, sendo o mundo superior dos deuses; Kay Pacha, representada pelo puma, símbolo de força, sabedoria e inteligência, sendo o mundo terreno, dos vivos; e Uku Pacha, representada pela serpente, que simboliza o infinito, mundo dos mortos, das sombras e do pecado. A divindade da natureza é viva nesse saber andino, e é interessante que haja espaço para os humanos no meio do que é sagrado, pensando que todas as pessoas, de alguma forma, irão passar e reverenciar esses três lugares ao longo da vida. Observa-se que tanto o ser lésbica quanto o ser indígena leva essas mulheres ao separatismo e a comunidade centrada em mulheres.

ÚLTIMAS REFLEXÕES

Ao longo da escrita e ao lembrar da experiência do encontro, entendo que nós buscamos romper com esse sistema, fugindo cotidianamente da domesticação que se impõe sobre nossos corpos, principalmente sobre os corpos de mulheres indígenas e lésbicas. Cada uma com suas

urgências, mas sabendo que podemos nos apoiar e nos unir para superar qualquer dificuldade. Porém, é importante não romantizar esse processo, pois ao longo desse caminho muitas companheiras nos deram as costas e muitas vezes se voltaram contra nós. Infelizmente, as armadilhas do patriarcado são tão enraizadas na sociedade e em nossos corpos e nossas mentes que os conflitos entre nossa classe têm a possibilidade de acontecer, não estamos isentas disso.

A aplicação do método extrapolou os limites dessa pesquisa. As companheiras relataram que não imaginavam a profundidade que teria um desenho sobre seu corpo e território, e que foi significativo trazer memórias do inconsciente para o consciente e, então, para o material. Ao final, queimamos nossos desenhos e, junto com o fogo e a reza, foram todas as dores e os anseios transpassados para o papel. Em seguida, Mimi propôs que fizéssemos nossa Pachamama em argila enquanto mascávamos folhas de coca, então realizamos rituais que nos colocaram a pensar e repensar não só sobre a própria vivência e a memória, mas também sobre o processo individual e coletivo de cura.

Imagem 7 – Ritual de finalização do método



Fonte: Giovanna Soares (2023)

Portanto, finalizo ressaltando pontos importantes dentre os desenhos e os anseios compartilhados para que possamos compreender de que forma o corpo-território é sentido e vivido. Esse conceito é essencial para a pesquisa em geografia voltada à realidade das mulheres, principalmente de indígenas, por evidenciar a luta de corpos dissidentes que se situam como

território extenso, não limitando as suas margens individuais, mas como matéria ampliada, traçando uma caminhada de afetos, memórias e embates.

A primeira questão que salta aos olhos é o fato de a divisão da terra ser muito representada tanto como território (através de arames farpados) e reverberada no corpo como esse roubo de si e da memória ancestral, ou seja, a colonização de terras e corpos. Em todos os desenhos vemos que o discurso masculino (em seus vários níveis) acabaram por: segregar comunidades, saquear riquezas materiais (roubo de terras, extrativismo) e conhecimentos ancestrais (apropriação cultural), discurso de ódio ao corpo feminino que reverbera como ódio ao próprio corpo, dentre outros. Acredito que o principal, em todos os desenhos, é expresso pela potência de transformação da dor em ação e luta. Com isso, recordo o texto de Audre Lorde, “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” (2019), em que ela diz:

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2019, p. 54).

A vontade de transformação da própria realidade leva as mulheres a buscar pela cura, e buscar também pelo apoio e pela união entre outras mulheres é revolucionário. Deve-se levar em consideração a importância de extinguir o discurso masculino, pois ele interfere negativamente na relação entre mulheres. É necessário analisar pensamentos que subjuguem umas às outras, já que estamos tão imersas em uma cultura patriarcal que não quer nossa união enquanto classe, enquanto seres políticos.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Vandrezza; GUZZO, Morgani. Meu corpo faz parte do corpo político, do corpo comunitário de Pacha. **Portal Catarinas**, 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-meu-corpo-faz-parte-do-corpo-politico-do-corpo-comunitario-de-pachamama>. Acesso em: 6 mar. 2023.

CABNAL, Lorena. El relato de las violencias desde mi territorio cuerpo-tierra. *In*: SOLANO, Xochitl Leyva; ICAZA, Rosalba (Orgs.). **En tiempos de muerte: cuerpos, rebeldías, resistencias**, v. 4. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; San Cristóbal de Las Casas, Chiapas: Cooperativa Editorial Retos; La Haya, Países Bajos: Institute of Social Studies, 2019. p. 113-126. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D14695.dir/En_tiempos_de_muerte-cuerpos_rebeldias_resistencias.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

DADOS do Unicef apontam que o Brasil ocupa o 4º lugar em casamentos infantis no mundo. **Agência Câmara de Notícias**, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/853645-dados-do-unicef-apontam-que-o-brasil-ocupa-o-4o-lugar-em-casamentos-infantis-no-mundo/#:~:text=que%20o%20Brasil-ocupa%20o%204%C2%BA%20lugar,-em%20casamentos%20infantis>. Acesso em: 20 mar. 2023.

GAGO, Verónica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. Tradução de Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

GUZMÁN, Adriana. **Descolonizar la memoria, descolonizar los feminismos**. Qullasuyu Marka: Tarpuna Muya, 2019.

HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz et al. **Mapeando el cuerpo-territorio**. Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Ecuador: Instituto de Estudios Ecologistas del Tercer Mundo, CLACSO, 2017. Disponível em: <https://miradascriticadelterritoriodesdeelfeminismo.files.wordpress.com/2017/11/mapeando-el-cuerpo-territorio.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

HERNÁNDEZ, Delmy Cruz; BAYÓN, Manuel. **Cuerpos, territorios y feminismos: Complilación latinoamericana de teorías, metodologías y prácticas políticas**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2019.

ZARAGOCIN, Sofia; CARETTA, Martina Angela. Cuerpo-territorio: A decolonial feminist geographical method for the study of embodiment. **Annals of the American Association of Geographers**, v. 111, n. 5, p. 1503-1518, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/24694452.2020.1812370>. Acesso em: 20 mar. 2023.